

Sérgio Telles

Mistura Fina

2ª edição

tao


Sérgio Telles

MISTURA FINA

– CONTOS, CRÔNICAS, POESIAS –

Mistura fina

© 2022 Sérgio Telles

© TAO Editora

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonas Eliakim

Produção editorial Thaís Costa

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto MPMB

Capa Leandro Cunha



Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
contato@taoeditora.com.br
www.taoeditora.com.br

Telles, Sérgio.
Mistura fina : contos, crônicas, poesias /
Sérgio Telles. – 2. ed. – São Paulo : Tao, 2022.
152 p.

Segundo Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

Bibliografia
ISBN 978-65-89913-07-8 (impresso)
ISBN 978-65-89913-03-0 (digital)

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros.
3. Crônicas brasileiras. 4. Poesia brasileira.
I. Título.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios, sem autorização
escrita da Editora.

22-1669 CDD B869

Todos os direitos reservados pela Tao
Editora.

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira

Conteúdo

Prefácio – Fábio Lucas	9
Legado	13
Estatuária	23
Gosta de poesia?	25
Noite	29
A passagem do tempo	31
Os búzios	33
As coceiras	35
Visita	37
Náufragos na Avenida Paulista	39
Linguagem	41
São Paulo – Corriqueira cena de rua	43
Domingo	45
O casal que dança	47
<i>The New Enciclopaedia Britannica</i>	53
Encontros na Avenida Paulista	55
Nudez impossível	57
A <i>top model</i> e a gordinha	59

Descaso	61
Sanguessuga.....	63
Pessimismo	65
Cumbica e a viagem definitiva	67
Momento	69
Encontro no metrô	71
Angélicas	75
Trabalhos manuais	77
Implacável	85
Sentado no trono em plena Av. Paulista	87
Ingênua aquarela	89
Um dos meninos do Brasil	91
O grande temporal	93
Divagações	95
Sequência.....	97
Os jorros do Ibirapuera	99
Cooper	101
Falando sobre fila	103
Sem rumo.....	107
Velhos discos.....	109
Plantação	119
Uma inocente prática sadomasoquista	121
Desespero	123
A cantora	125
Tempo.....	133
Da necessidade de limpar as gavetas.....	135
Homenagem	139
Ilustres visitantes	141
Vitória.....	151

LEGADO

Não poderia haver pior momento para viajar, pensei ao desligar o telefone. Estava com um monte de trabalho em andamento, muitos deles com o prazo estourado. Tínhamos de finalizar uma proposta para uma concorrência pública. Sem falar nos rolos com Carolina. Atravessávamos um momento difícil, não era hora de deixá-la sozinha.

Mas não tive coragem de dizer não a meu pai. Estávamos brigados há tanto tempo, não nos falávamos há quase dez anos e entendi seu pedido como uma forma de propor as pazes. Muito embora eu, gato escaldado, não quisesse muita proximidade com ele, também não desejava manter a situação que persistia até seu telefonema – a de relações cortadas.

Meu pai me pedia para acompanhá-lo até São Paulo e ali ajudá-lo na venda da *baguette* de diamante e do quadro do Di Cavalcanti.

Logo vi a importância do momento, a gravidade da situação. A *baguette* e o quadro eram seus dois últimos bens, os únicos que tinham escapado da sobressaltada montanha russa que foram seus negócios.

Eu não poderia, em absoluto, dizer-lhe não.

Era quase um milagre que a *baguette* e o quadro ainda estivessem com meu pai. Ele os comprara muitos anos antes, numa época em que suas finanças iam especialmente bem e ele costumava ir com minha mãe para o Rio de Janeiro, onde se hospedavam no Hotel Glória.

O broche de diamante, minha mãe usou algumas vezes nas grandes festas, nos bailes de *reveillon* do Ideal Clube. Com o passar do tempo, mais estava ele empenhado, dado como garantia de empréstimos contraídos junto a algum amigo.

Coisa semelhante acontecia com o Di Cavacanti. Ele era nosso melhor quadro e muito nos orgulhávamos dele. Quando morávamos na mansão da Aldeota, numa espécie de esnobismo às avessas, meu pai não o colocara na parede mais visível da sala – supostamente o lugar que o quadro, por sua importância, deveria ocupar. Não, nessa parede estavam suas gravuras, algumas muito boas. O Di ficava num lugar sem muito destaque, uma parede lateral estreita, ao lado do barzinho. Acho que esse é um lugar que ele gostaria de ficar, dizia meu pai. Mas o Di Cavalcante não curtiu muito tempo a proximidade boêmia do bar. Logo também passou a ser dado como garantia dos empréstimos que ele fazia com o Dr. Barreto, um colecionador de arte.

A situação melhorava e meu pai tirava o quadro ou o broche da pendura, mas era sempre por pouco tempo – e lá se iam eles de novo por causa de alguma grana emprestada.

Pelas histórias que sempre ouvi em casa, parece que meu pai conseguiu ganhar dinheiro ainda muito jovem. Com uma pequena bolada que pedira emprestado a meu avô, fez bons negócios. Comprou uns terrenos nos arredores de Fortaleza e os loteou, com excelentes resultados. Repetiu a receita várias vezes com o mesmo sucesso. Montou uma imobiliária e, em seguida, uma construtora. Ele era um *bon vivant*, um homem encantador, o centro das atenções em qualquer festa. Vivia com grande largueza e teve muitos

casos amorosos antes de se casar com minha mãe, já depois dos quarenta anos.

Do que me lembro, nossa situação financeira começou a apertar quando eu estava com uns oito anos e nunca mais se ajeitou. Minha mãe vivia aflita, preocupada com o futuro. Eu morria de pena de meu pai. Como era possível que ele tivesse tanto azar nos negócios? Por que aquelas desgraças só aconteciam com ele?

Inúmeras noites fiquei sem dormir depois de ouvir os desastres que estavam sempre abalando seus empreendimentos. Sócios nos quais confiava cegamente o roubavam. Funcionários de longa data perpetravam desfalques. Compradores não lhe pagavam. Companhias de seguro não cumpriam com seus contratos. O dólar subia. O dólar baixava. Os investimentos equivocados. A louca política econômica do país.

A cada um desses reveses, multiplicavam-se os credores. Os cobradores não paravam de nos telefonar ou aparecer na porta. Ficava ainda mais insuportável o mal-estar com meus avós e meus tios.

Nós vivíamos num mar de vergonha e humilhações. Foram-se a grande casa da Aldeota, com piscina e tudo, os carrões, os quadros, a casa de praia em Paracuru. Meu coração se despedaçava vendo o sofrimento de meu pai, um homem tão bom e justo, tão maltratado pelo destino.

A partir de um determinado momento, minha mãe – até então solidária com ele e rezando sem parar por dias melhores – mudou de atitude. E eu não queria entender seu ódio destilado em fina ironia ou gritos histéricos frente às tristes histórias de meu pai, mas tive de me render às evidências. Encarei que ele estava longe de ser a pessoa que eu teimava em acreditar que fosse, que suas histórias não correspondiam aos fatos, que ele tivera participação ativa em todas aquelas desgraças. Tive de ver que foram sua irresponsabilidade e loucura que nos conduziram ao desastre.

As coisas então se precipitaram. Foi diagnosticado um câncer em minha mãe, moléstia que a matou em seis meses. Responsabilizei meu pai por mais essa tragédia e mal conseguia ocultar o desprezo que ele me suscitava. Não sei como, dentro desse tumulto, foi-me possível arranjar forças para passar no vestibular de engenharia e ser aprovado num concurso da prefeitura. Com esse dinheirinho, saí de casa. Fui morar numa pensão, pois não podia – nem queria – recorrer à família. Estávamos então brigados com todos, tanto do lado de minha mãe como de meu pai, por causa das dívidas.

Quando passei a enxergar meu pai de forma mais realística, comecei a ouvir histórias que até então desconhecia. Diziam que ele tinha causado grandes prejuízos aos seus irmãos, teria dado golpes em vários amigos. Nessas alturas, a única coisa que me surpreendia é que ele ainda tivesse coragem de ficar na cidade, cercado de tantos credores e inimigos, entre os quais – eu mesmo, seu único filho – talvez me incluísse.

Assim, quando recebi o telefonema e reconheci sua voz, fui invadido pela velha sensação – o frio na barriga, a falta de ar, a angústia se instalando rápido em minha mente. Aí ele falou da ida a São Paulo e da venda das duas peças. Marcamos um encontro no Flórida, um velho bar na Praça General Tibúrcio.

Nos últimos dez anos o vira de relance, na rua, sem cumprimentá-lo. Agora que o observava de perto, ele me parecia bem. Não estava muito envelhecido para seus setenta e cinco. Não lhe fiz muitas perguntas, não queria saber detalhes de sua vida. E ele foi direto ao assunto. Queria que eu o acompanhasse até São Paulo e o ajudasse nas negociações com a *baguette* e o quadro. Caso fizesse uma boa venda, me daria metade do valor recebido. Julgava que seria uma quantia razoável – imaginava alguns milhares de dólares. Queria ter algum dinheiro na mão. Não tinha seguro-saúde e estava numa fase da vida na qual a ida aos médicos era uma contingência frequente.

Temí que fosse mais uma de suas embrulhadas, mas como disse que eu participaria na transação, achei que poderia ser-lhe útil e impedir que fizesse mais bobagens. A escolha de São Paulo como lugar para efetuar as vendas era óbvia, embora achasse a quantia mencionada – milhares de dólares – um tanto exagerada. Precisaríamos de uns quinze dias para estabelecer contatos e realizar as vendas. Tudo me pareceu razoável e tomei as providências para a viagem.

Imaginando que estaria em precárias condições financeiras, vi-me obrigado a me oferecer para pagar as despesas de transporte e hotel. Meu pai aceitou a ajuda para as passagens, mas disse que a hospedagem estava resolvida. Havia falado com Henrique, filho de seu irmão Bernardo, que aceitara nos receber em sua casa.

Fiquei surpreso, pois até onde sabia, ele não tinha mais contato com nenhum de seus irmãos e, de todos eles, Bernardo era para mim o mais remoto, aquele de quem quase nunca se falava. Eu pouco sabia dele além de que tinha morrido jovem, muitos anos antes de meu nascimento e que sua mulher, que era paulista, tinha voltado para Santos com os dois filhos, um deles o Henrique, uns vinte anos mais velho que eu.

Argumentei que, por modesto que fosse – e seria, dadas minhas possibilidades naquele momento –, estaríamos melhor num pequeno hotel, mas meu pai não mudou de ideia. Terminei por concordar. Seria um gasto a menos nessa viagem imprevista que me via forçado a fazer.

Henrique morava com a mulher numa casa no Jardim Europa, os filhos trabalhavam no exterior. Estava muito bem de vida e deixava muito claro o desconforto que nossa presença lhe causava. Ficava evidente que ele preferia que não estivéssemos ali.

A forma como meu pai me tinha proposto a viagem me autorizara a pensar que eu tomaria as rédeas do processo em São Paulo, estabelecendo os contatos para viabilizar as vendas. Com esse fim, tinha me informado com amigos sobre os procedimentos que

deveria tomar e conseguira a indicação para procurar as pessoas apropriadas.

Ao contrário do que esperava e mais uma vez me surpreendendo, meu pai encarregou Henrique de providenciar a avaliação das duas peças, incumbência que ele aceitou com alguma relutância.

Na noite seguinte à nossa chegada, um joalheiro veio à casa de Henrique ver o diamante. Sem nenhuma preocupação com o efeito de seu veredicto, disse, nas buchas, que o broche valia muito pouco, pois o diamante, apesar de seu tamanho, tinha uma falha estrutural, uma fratura. O que poderíamos conseguir com a joia – muito abaixo do preço do diamante – derivava do engaste antigo, já que era, de fato, uma peça de época.

Meu pai recebeu friamente tal informação. Eu lembrava da história da compra da *baguette* numa joalheria do Rio, especializada em ourivesaria antiga. O joalheiro garantia que aquela peça pertencera a uma família aristocrática russa, de cujos descendentes ele a adquirira em Paris. A tranquilidade de meu pai ao receber a notícia me fez pensar que ele teria inventado também aquela história.

Henrique mostrou-se condoído e dispôs-se a pagar o preço que o avaliador ofereceu, sua mulher poderia usá-lo. Se não tinha valor material, teria valor afetivo, afinal era uma peça que tinha estado na família...

Muito me preocupou tal desfecho. Contávamos com a venda, esperávamos amealhar um bom dinheiro com aquele imenso diamante, o que me desobrigaria de ajudar meu pai pelo menos por algum tempo, desde que, de antemão, previa que ele desbarataria aquela quantia, como fizera com tudo o mais até então.

Com o quadro de Di, foi mais complicado. Henrique o levou para um perito, dono de uma galeria de arte da cidade, que pediu uma semana para a avaliação. Passado esse tempo, Henrique foi buscá-lo e, para meu grande espanto, disse-nos que o quadro era uma falsificação. A assinatura, o ano, as pinceladas – nada batia com os critérios do avaliador, que o considerava apenas uma

boa imitação. Tão boa que até se dispunha a comprá-lo como uma curiosidade, por uma quantia mínima.

A notícia, que me deixou arrasado, foi recebida por meu pai com a mesma impassibilidade que exibiu ao saber do valor do brilhante. Ouviu calmamente a notícia, como se não o surpreendesse ou lamentasse a sorte madrasta. Henrique aconselhou-nos a vender assim mesmo, era melhor do que nada. Meu pai pensou um pouco e resolveu aceitar a proposta irrisória do perito. No dia seguinte recebemos em dinheiro a quantia e partimos de volta.

No avião, meu pai não se queixou uma única vez do fracasso de nossas expectativas. Eu já estava planejando o que fazer frente ao insucesso das vendas. Propunha-me a ajudá-lo. Poderia pagar-lhe um quarto de pensão, pelo menos teria teto e comida garantidos. Lhe daria uma pequena mesada. Mas antes de fazer-lhe qualquer proposta, queria saber sua opinião sobre o ocorrido.

Como ele permanecia em silêncio, perguntei o que pensava. Em vez de falar diretamente das vendas, do inesperado daquelas avaliações, meu pai relembrou fatos antigos. Emocionou-se ao falar de seu irmão Bernardo, pai de Henrique. Falou-me que ele se suicidara ao perder todo o patrimônio, parte do qual investira em um de seus empreendimentos. Henrique, que tinha onze anos, no dia do enterro do pai cuspira em seu rosto.

Como desconhecia esses fatos, fiquei perplexo e, com dificuldade, comecei a refletir sobre eles.

Essa história explicava a antipatia com que Henrique nos recebera. Mas não explicava por que meu pai insistira em se hospedar em sua casa. Ele não vira Henrique por décadas, a última lembrança dele era aquela cusparada no dia do enterro de Bernardo! Como quisera se hospedar em sua casa? Por que Henrique concordara em receber-nos? Como pôde meu pai confiar-lhe as negociações que tinham importância vital para si mesmo? Por que aceitara a veracidade das avaliações providenciadas por ele, sem pedir uma segunda opinião? Como era possível que tanto o diamante como

o quadro não tivessem valor, se tantas vezes serviram de garantia para seus empréstimos no Ceará? Teria sido suspeita a bondade de Henrique, dispondo-se a nos ajudar, ficando com uma das peças e incentivando a venda da outra? Qual tinha sido meu papel naquela história? Por que meu pai insistira tanto que eu o acompanhasse e o ajudasse, se já tinha tudo planejado e nada me deixara fazer? Teria desejado apenas que eu presenciasse toda a situação? Com que finalidade?

Atabalhoadamente tentei fazer essas perguntas a meu pai. Ele disse que estava muito cansado, depois conversaríamos.

Infelizmente essa conversa nunca aconteceu. Poucos dias depois de nossa chegada, meu pai sofreu um derrame e faleceu.

Algum tempo depois de seu enterro, recebi uma caixa enviada de São Paulo. Abri e vi milhares de dólares, uma larga soma, condizente com aquela imaginada por meu pai. Não tinha uma linha escrita, mas não precisava. Guardei o dinheiro e não me preocupei em entrar em contato com Henrique.

Ainda hoje não entendi bem o que aconteceu. Tento me convencer de que aquela viagem foi uma espécie de legado, de herança que meu pai quis me deixar. Mas não consigo atinar o *quê* ele queria me deixar.

Seguramente não queria me deixar o dinheiro, senão teria dado as peças diretamente para mim.

Teria tido em mente algo mais importante do que o dinheiro? Teria querido resgatar sua imagem junto a mim, fazendo-me presenciar uma boa ação sua, a tentativa de reparar um erro, um pedido de desculpas ao filho do irmão que se suicidara em consequência de um desastre financeiro por ele induzido? Teria querido que eu testemunhasse como saldara sua dívida com o sobrinho?

Mas se fosse isso, teria sido melhor simplesmente presentear Henrique com as duas peças valiosas. E não fora isso o que fizera. Pelo contrário, ele o induzira a agir de forma perversa, a se comportar da maneira mais torpe possível, a se vingar, enganando-nos,

fazendo falsas avaliações, roubando-nos, atitude que meu pai facilitara ao máximo. A devolução do dinheiro feita por Henrique, tempos depois, mostrava sua culpa e seu desejo de se redimir.

Então qual teria sido o legado de meu pai? O que teria querido ele dizer com tudo isso? Teria querido me demonstrar que ninguém está isento de agir de maneira ignóbil, desde que as circunstâncias o favoreçam? Com isso teria pedido que eu fosse um juiz mais leniente com seus erros? Mais ainda, que fosse mais clemente e tolerante com o barro podre com o qual somos todos feitos?

ESTATUÁRIA

parecemos
percíveis monumentos de carne,
mementos de uma memória
esquecida

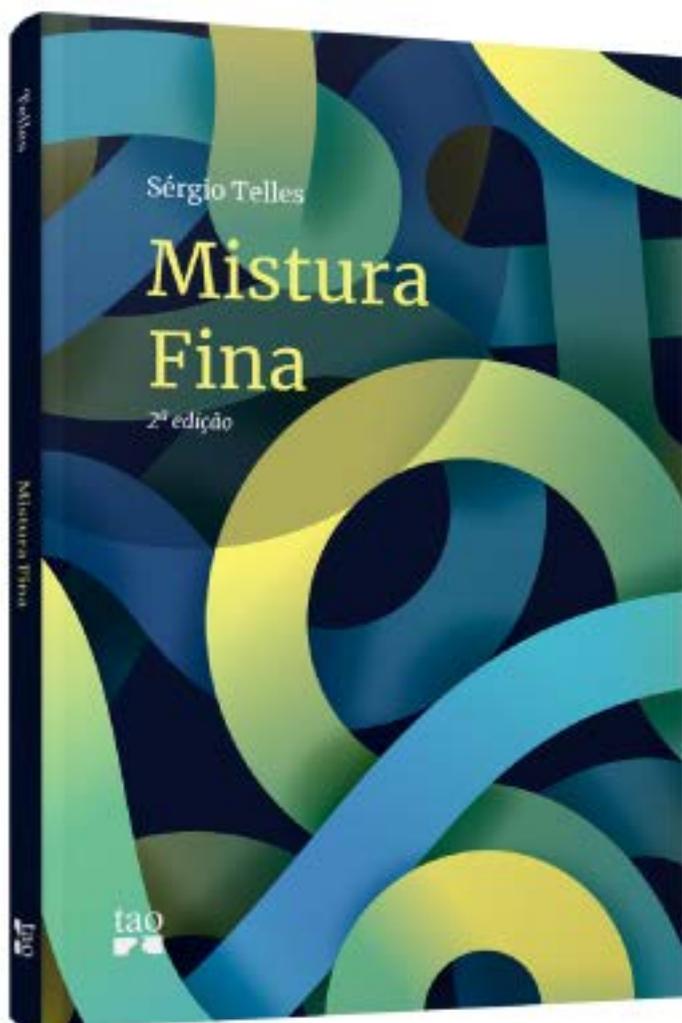


Na contemporaneidade as fronteiras entre os gêneros literários tornaram-se mais porosas e o escritor circula entre eles, deixando que as vivências e emoções que nele lutam para se expressar escolham a forma que lhes seja mais adequada. É o que vemos nesse *Mistura Fina*, onde Sérgio Telles vai da concisão da poesia ao fluir mais caudaloso (mas não tanto) da crônica e do conto, mantendo em todos eles uma marcada conotação lírica. Com linguagem limpa e precisa, Telles mostra situações e personagens que parecem comuns e familiares, mas que surpreendem por apresentarem aspectos inesperados e provocarem reflexões.



www.taeditora.com.br

tao



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Mistura Fina

Sérgio Telles

ISBN: 9786589913078

Páginas: 152

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022
